

OS “PARCEIROS” E O USO DE CRACK NO VELHO CENTRO DE BELÉM- PA: CENAS DE USO, TRAJETOS E PESSOAS EM SITUAÇÃO DE DEFILIAÇÃO SOCIAL¹

Alan Pereira Dias (PPGDSTU/UFPA/Brasil)

1 INTRODUÇÃO

O uso de crack e/ou similares tem evidenciado novos desdobramentos dentro da problemática das drogas no Brasil, devido à grande visibilidade de seu consumo em espaços públicos de diversas metrópoles, ambientes denominados no senso comum de “cracolândias”. Por “similares” do crack compreende-se a pasta base, merla (ou melado) e o óxi, substâncias psicoativas que também derivam da folha de coca, apresentados na forma de “pedra” e fumados com o auxílio de cachimbo. Além disso, na ausência de exames toxicológicos, e se tratando de um mercado ilegal, muitas vezes as denominações se confundem e/ou se sobrepõem (BASTOS; BERTONI, 2014).

Frúgoli Jr. e Cavalcanti (2013), ao realizarem um estudo etnográfico em “cracolândias” em São Paulo e no Rio de Janeiro, ressaltam seu caráter móvel, utilizando a noção de territorialidades itinerantes, agregando dinâmicas relacionais e espaciais urbanas. Os autores reconhecem o estigma em torno do termo “cracolândia”, porém ressaltam a sua importância, pois são territorialidades reconhecidas por outros atores e agentes, com os quais estabelecem relações tensionadas. Já Bastos e Bertoni (2014) utilizam o termo “cenas de uso” de crack, conceito sócio-antropológico que abarca as aglomerações e formas de sociabilidade em torno da droga, evitando o estigma em torno da “cracolândia”.

Na cidade de Belém este cenário é identificado a partir de matérias jornalísticas da segunda década do século XXI, como a publicada no Diário Online em 2013, “Centro de Belém cede espaço para a cracolândia”, que apontava a formação de “cracolândias” na área central, onde em determinados pontos como: praças, ruas, calçadas, no entorno de prédios públicos, se concentravam indivíduos no intuito de usar e vender crack, assim como outras drogas ilícitas. A matéria acrescenta que em geral tais “cracolândias” são formadas por pessoas em situação de vulnerabilidade ou de rua,

¹ Trabalho apresentado na 33ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

que realizam pequenos “bicos” e práticas de mendicância para a manutenção do consumo de drogas. Ainda que eivado de sensacionalismo e certa simplificação, as matérias jornalísticas acerca do uso de crack em Belém indicam uma historicidade e permanência do fenômeno no cotidiano, sobretudo na área do velho centro.

O presente artigo tem por objetivo relatar a experiência etnográfica com pessoas que integram cenas abertas de uso de crack e/ou similares no velho centro de Belém². Interações estabelecidas no segundo semestre de 2019 até meados de março de 2020, onde foi possível identificar as formas de sociabilidade (SIMMEL, 1983) e tipificações (SCHUTZ, 1979) empregadas por indivíduos que integram as cenas de uso da droga, em situação de rua ou que passam boa parte do tempo em espaços públicos, em contextos de precariedade e desfiliação social (CASTEL, 1997). A partir disso, é enfocado o modo de abordagem dos interlocutores, o cotidiano para além do uso de crack, e intenta-se esboçar o posicionamento ético-político na pesquisa em contextos de uso problemático de drogas e vulnerabilidade social, fornecido pela fenomenologia existencial (SIPAHI; VIANNA, 2001) atrelada à redução de danos (SODELLI, 2010).

2 CENAS DE USO DE CRACK E/OU SIMILARES NO CENTRO HISTÓRICO DE BELÉM: OS “PARCEIROS” E SEUS LOCAIS DE PERMANÊNCIA

O Centro Histórico de Belém (CHB) apresenta um caráter complexo, onde diversos sujeitos, intencionalidades e contradições se apresentam. Sendo uma área de comércio popular, de concentração de uma série de prédios de órgãos públicos e também com diversos pontos turísticos, alguns espaços estruturados para grupos de classe média e turistas. Assim, pela parte do dia atrai uma multidão provinda de toda a cidade, com os mais diversos interesses. No entanto, devido uma baixa densidade residencial e com a maioria dos serviços funcionando apenas no horário diurno, se estabelece um contraste expressivo entre a movimentação diurna e o silêncio noturno em alguns pontos da área. Durante o horário comercial, diversas pessoas circulam pelo local, consumidores, turistas, camelôs, flanelinhas, funcionários públicos, etc., todos se misturam na paisagem. Este cenário contrasta com o horário noturno, quando os comércios fecham as portas e diminui a movimentação de pessoas em diversos pontos, apresentando um aspecto de esvaziamento. Ainda que se possa presenciar o uso solitário

² Resultados que compõe a dissertação “A experiência espacial de pessoas que usam crack e/ou similares no Centro Histórico de Belém-PA: territorialidade e lugaridade no espaço público” (DIAS, 2021).

de psicoativos ilícitos durante o dia, é de noite que se configuram as cenas expressivas de uso de crack e/ou similares, pequenos agrupamentos em calçadas de lojas, praças e, às vezes, no meio de ruas.

Como identificado em Dias e Carvalho (2017), em geral as cenas se desenrolam no que Souza (2008) denomina de espaços públicos anêmicos, com um encolhimento de margens de manobra, deterioração da sociabilidade e da civilidade, com aparência de “abandono”, ou com uma diminuição da frequência com que são visitados. Além disso, em geral são locais de repouso de pessoas em situação de rua, que não necessariamente fazem uso de drogas ilícitas. Assim, em torno das cenas, gravitam diversos grupos marginalizados, os quais compartilham algumas características genéricas, ou estigmas, como aparência debilitada, corpo esguio e roupas sujas. Porém, no caso do usuário de crack e/ou similares, o que os destaca é a presença do cachimbo (Fotografia 1), instrumento particular ao modo de uso dessas substâncias (como identificado em campo, o uso pode se dar também no modo mesclado, utilizando papel de seda para fazer um cigarro, as vezes misturando com tabaco ou maconha).

Fotografia 1: Cachimbo e isqueiro, instrumentos para o uso de crack e/ou similares



Fonte: Dias e Carvalho (2017)

2.1 Aproximações em cena: os “parceiros” e seus locais de permanência

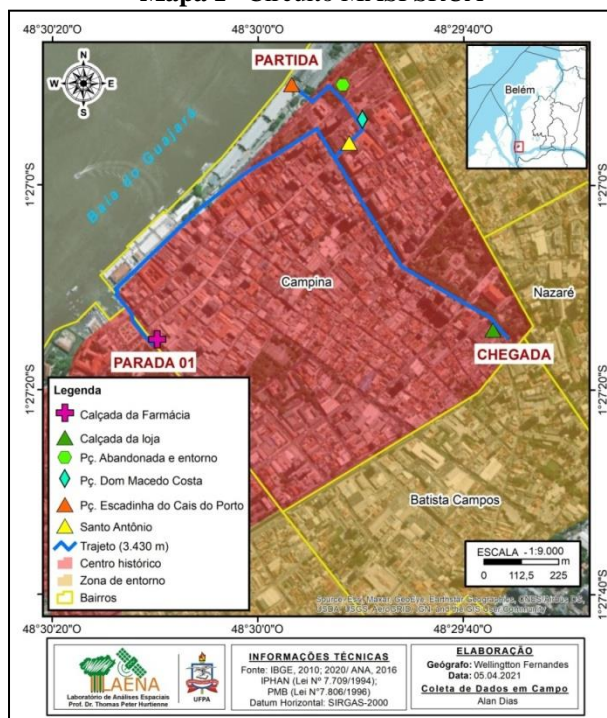
A partir de trabalhos de campo realizados ao longo de 2019 e início de 2020, com incursões mais intensas no segundo ano, identifiquei sete pontos onde se estabeleciam cenas abertas mais expressivas de uso de crack e/ou similares no CHB. A maioria das pessoas que compunham tais cenas se encontrava em situação de

vulnerabilidade social, ou, nos termos de Robert Castel (1997), em plena desfiliação, expressando uma precariedade material, assim como de vínculos relacionais frágeis ou deteriorados. Por conta do estigma relacionado ao uso de psicotrópicos ilícitos, muitas pessoas se portavam de maneira desconfiada ou retraída, evitando falar muito. O que exigiu sensibilidade e frequência nos locais para conseguir estabelecer diálogos plenos.

Além disso, não somente como estratégia de inserção, mas também visando a construção de uma relação ética sensível (LEVINAS, 1988), acompanhei o grupo “Amigos em ação” que realizava ações de doação de alimentos, água, roupas e calçados para pessoas em situação de rua. Ao mesmo tempo organizei com amigos próximos um grupo batizado de Movimento de Acolhimento à População em Situação de Rua (MAPSRUA) para fazer doações com caráter mais intimista, ainda que com uma abrangência menor, mas recolhendo pedidos mais específicos, como roupas e calçados de determinado número, oferecendo livros, conversas e orientações acerca da malha institucional de assistência psicossocial. Compor tais grupos possibilitou não só conhecer os sujeitos da pesquisa, mas também me fazer reconhecido por eles.

Por conta da espontaneidade das interações tive uma aproximação maior com cinco grupos, a partir dos quais constitui um circuito com o MPASRUA. No mapa 1 representa-se os locais de permanência de tais grupos no CHB, na legenda utiliza-se a forma como os sujeitos tipificam os lugares, sendo respectivamente os parceiros da: 1) “Santo Antônio”, estes tem por local de repouso a frente de uma agência bancaria na R. Santo Antônio, entre Av. Pres. Vargas e Travessa Frei Gil de Vila Nova; 2) “Calçada da Loja”, permanecem na calçada de uma loja de departamento em frente a Praça das Sereias; 3) “Praça Abandonada e entorno”, sujeitos que ocupam a Praça Waldemar Henrique, sobretudo a sua concha acústica e os bancos da Praça do Escoteiro; 4) “Calçada da Farmácia e entorno”, ocupam a calçada oposta a Praça Dom Pedro II, em especial a frente de uma farmácia; e 5) “Loja de Colchões”, no cruzamento da Av. Almirante Tamandaré com Av. 16 de Novembro.

Mapa 1 – Circuito MASPSRUA

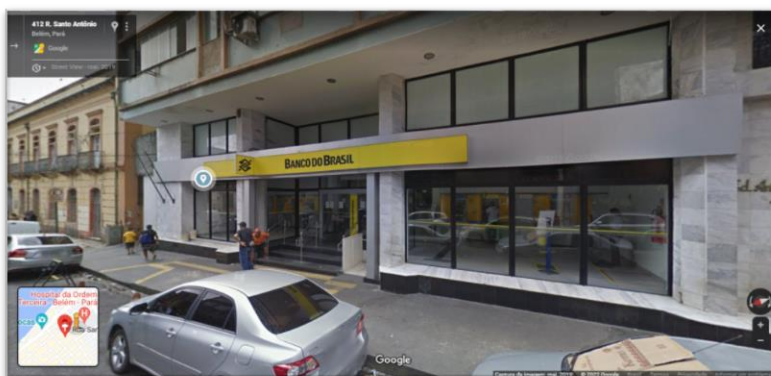


No presente texto, exponho as interações em dois locais: “Santo Antônio” e “Calçada da Farmácia”, onde não só interagi, mas consegui estabelecer contatos prolongados com quatro pessoas, “Junior”³, “Buarque”, “Manuel” e “Jonas”, desenvolvendo conversas informais e entrevistas que me possibilitaram desdobrar os dados obtidos em observação, assim como evidenciar as diferentes trajetórias dos sujeitos e distinções entre as formas de agrupamentos.

“Junior”, “Buarque” e “Manuel” integram os parceiros da “Santo Antônio”, se estabelecem em frente a uma agência bancária (Fotografia 2), utilizando durante a noite a calçada e as muretas do prédio para dormir, às vezes dormem na calçada do lado oposto. Neste agrupamento as cenas de uso de crack e/ou similares são menos expressivas, os integrantes em geral possuem formas de controle do uso mais eficientes, tendo laços precários, porém com uma certa estabilidade.

³ O uso de pseudônimos visa proteger a identidade dos interlocutores, que além de estarem imersos em um ambiente de desfiliação, estigmatização e violência, apresentam em seus relatos práticas que podem ser qualificadas como ilegais.

Fotografia 2: Local de repouso dos “parceiros” da “Santo Antônio”



Fonte: Google Street View (2019)

“Junior” tem 43 anos de idade, trabalha com a coleta de latinhas, parou os estudos no ensino médio e já tinha 15 anos em situação de rua, por conta de questões familiares e o uso de drogas. Já “Buarque” tem 55 anos de idade, relatou possuir ensino superior incompleto e chegou a ficar em situação de rua por conta da perda de emprego, problemas familiares e devido ao envolvimento com drogas. No momento da pesquisa, disse possuir um “quarto” (palavras dele) na casa de irmãos, podendo às vezes dormir na rua. “Buarque” trabalha lavando carros no entorno da “Santo Antônio”. “Manuel” possui 45 anos de idade, se encontra em situação de rua desde os 12 anos, devido, inicialmente a problemas familiares e, posteriormente, ao envolvimento com drogas e práticas criminosas. Relatou que não completou o ensino fundamental e que realiza alguns “bicos” quando pode, mas em geral pratica mendicância.

Já na “Calçada da Farmácia” (fotografia 3), onde se estabelece “Jonas”, há uma cena de uso mais expressiva e constante. Em todas as minhas visitas presenciei o uso de crack e/ou similares, que ocorria em diversos trios, os quais, ainda que próximos em distância física, não eram coesos. Além das situações de entorpecimento, não presenciei outras práticas compartilhadas, evidenciando laços mais frágeis entre os sujeitos, o que pode estar relacionado ao próprio uso mais intenso. “Jonas” tem 30 anos de idade, se identifica como pardo e tem ensino fundamental completo. Relata que começou a usar crack antes de ir para a rua, ainda no seu antigo emprego como motorista de ônibus. Ao perguntar como ele se mantém financeiramente no momento, responde que quando trabalhava como motorista sofreu um assalto onde foi baleado (inclusive me mostra a cicatriz na barriga), então passou a receber um benefício, que ele aponta não ser suficiente para ajudar sua mãe e seus dois filhos, ou para poder alugar um quarto para ele. Ainda que passe boa parte do tempo na rua, por motivações familiares, ele relata

que volta para a residência da sua mãe por volta das 7h, 8h, onde almoça e realiza suas práticas de higiene. Já pela tarde, ou de noite, retorna à rua, onde algumas vezes acaba ficando por mais tempo, uma rotina que já durava três anos.

Fotografia 3: Local de repouso dos “parceiros” da “Calçada da Farmácia”



Fonte: Acervo Amigos em Ação (2020)

2.2 Sociabilidade e tipificações em meio à desfiliação social

Seguindo as trilhas de Simmel (1983), a sociabilidade é aqui entendida enquanto categoria sociológica, uma forma autônoma ou lúdica de sociação, onde a relação com a sociação concreta é semelhante à relação do trabalho de arte com a realidade, onde se adquire somente aquilo que pode usar das existências e dinâmica da vida, possuindo um caráter inventivo e lúdico. Como expõe Frúgoli Jr. (2007), a sociabilidade explicita a habilidade e capacidade de nos relacionarmos, as formas de contato e interação social, habilidades e condutas específicas dos mais diversos grupos que compõe a sociedade.

Na perspectiva de Schutz (1979) a noção de tipificação é fundamental para a apreensão do conhecimento comum, pois consiste em um sistema de tipos que organiza a reserva de conhecimentos de que nós dispomos, sendo um dispositivo de interpretação, que remete ao que é estranho e ao que é familiar. São os tipos formados principalmente por “outros”, predecessores ou contemporâneos, quando apropriados tem a finalidade de possibilitar uma harmonia com coisas e homens (assim como desarmonias).

No contexto aqui investigado, o termo “parceiro”, já empregado ao longo do texto, expressa tanto a forma de sociabilidade como uma tipificação empregada pelos

sujeitos, que constitui seu significado em oposição ao termo “amigo”, pois ao perguntar para “Junior”, se ele tinha amigos no local, ele responde: “Como diz assim, tem parceiro assim, amigo não tem não. Só o ‘Buarque’. (informação verbal)”. De maneira semelhante “Jonas”, usuário de crack que permanece em outro ponto do CHB, expõe em sua fala que: “Eu diria assim, não chamaria de amigo, mas eu tenho os companheiros, aí eles me respeitam muito e eu também respeito eles. (informação verbal)”.

A parceria é marcada por uma fluidez, interações e acertos em geral constituídos no momento do uso de uma substância psicoativa. Durante a plenitude da cena de uso, presenciei momentos de euforia e congregação, os quais não se mantinham posteriormente, revelando uma precariedade fraternal, não só devido ao distanciamento familiar, mas também própria ao contexto. Ao longo dos campos, pude identificar as mais diversas distensões entre os parceiros, desde briga por conta do momento de uso de drogas, por refeições e outros tipos de doações, inclusive por papelão, elemento indispensável para aqueles que fazem da rua local de repouso.

Para além das tipificações, nomeações particulares dos locais ocupados, “Junior” me apresenta outra distinção fundamental entre as pessoas que integram as cenas, a de “fissurado” e a de “viciado”, que apontam as diferenças de autocontrole entre os usuários de drogas. Na primeira vem que conversei com “Junior”, não tinha certeza se ele era usuário de crack, sabia que ele estava em situação de rua, inclusive comentei com ele que os parceiros da “Santo Antônio” eram muito tranquilos, que aparentavam um certo controle. Ele diz que:

Tem o controle, tem o controle também, entendeu? Porque se você chegar, vamos supor, se vocês chegarem e a gente tiver usando, a gente vamo ter que parar de usar, porque se a gente usar, porque é falta de respeito também, já que vocês tão ajudando a gente, né? Vocês tão ajudando a gente e “pô não tem nada não”, “o cara é bacana”, “não, a gente vamo fuma”, tem que respeitar, pô. Entendeu, tem que respeitar, não só vocês, mas como as outras pessoas que passam também por aí (Informação verbal)⁴.

Quanto ao usuário de drogas “fissurado”, “Junior” destaca que: “o pior drogado que tem é o fissurado, que não se controla, entendeu? Se ele ta usando aqui, mas ele ta olhando pra tua bolsa, ele quer te roubar, entendeu. Esse que é o fissurado. (Informação verbal)⁵”. Pergunto se ele se identificaria assim, ele responde que não, ele se considera um “viciado”, diferente do “dependente químico”, que usa a droga todo dia. Pergunto se os parceiros da “Santo Antônio” são “fissurados” ou “viciados”, ele responde que:

⁴ Entrevista concedida em 4 de fevereiro de 2020.

⁵ “Junior”. Entrevista concedida em 4 de fevereiro de 2020.

Não tem a fissura que os outros têm. Quando tem vez que outras pessoas venham fumar, desconhecido, aí os cara fala: “Ê rapa, esse aí é fissurado, não vai marcar pra ele, que ele vai te ratiar; porque “ratiar” é o rato, o rato com duas mãos, que rouba mesmo o cara, não pode marcar pra ele ali, entendeu. Então várias vezes já perdi muita mochila, muita mochila já perdi, dormindo, fui acordar: “cadê minha mochila?”. Por isso que eu deixo na mão daquele senhor lá⁶, a minha bíblia ta lá, a minha calça, sapato, já deixo, ando só com outro par de roupa, entendeu. Não to andando mais com mochila, que eu não quero perder de novo, entendeu? Já perdi muita mochila aqui. De eu ser inocente assim, deixar, não “ta só amigo”, mas vim outros pessoal que não são conhecido, todo mundo dormindo, né, pegar, levar (Informação verbal)⁷.

“Junior” se identifica como “viciado”, mas ressalta que: “[...] tem o dependente químico também, entendeu. Que é já o doente entendeu, que já não quer deixar das drogas, não passa um dia sem usar a droga, todo tempo quer usar aquela droga (Informação verbal)⁸”. No caso, ele já estava há quatro dias sem usar drogas. “Junior” aponta que quer se recuperar, mas que é muito difícil, sobretudo na rua, pois são algumas situações conflitantes, desentendimentos e chateações que desencadeiam sua vontade de beber e conseqüentemente de usar crack. Pergunto a “Junior” se tem usuários violentos, ele responde que tem, mas ressalta que eles “vem do Ver-o-Peso pra cá”, pois: “Lá são os zumbis lá, é dia e noite, dia e noite, não dorme pra nada (Informação verbal)⁹”.

Já “Jonas”, que se estabelece na “Calçada da Farmácia”, me relata que chega a usar 20 pedras de crack em um dia, o que custaria R\$ 200, porém ressalta que não é sempre que tem esse recurso. Mesmo assumindo um uso diário e intenso, ele não se considera um “fissurado”, destaca que muitas vezes compra a droga junto com os parceiros, dividindo a mesma na hora do uso.

2.3 Além do tracejado da “droga”: a pessoa e os trajetos cotidianos

É tentando superar essa redução da pessoa ao estigma, que irei expor situações que extrapolem as cenas de uso de drogas, alguns trajetos, formas de lazer e momentos de conversa despreziosa. Ainda que não signifique uma evasão do contexto da droga, ou de um habitat tensionado, visto que todas as situações se deram em espaços públicos e um semi-público – no caso do Centro Cultural e Turístico Tancredo Neves (Centur) –,

⁶ Aqui ele se refere ao “Empresário”, pessoa que administra um espaço improvisado na calçada utilizado por pessoas que vigiam ou lavam carros estacionados na rua.

⁷ “Junior”. Entrevista concedida em 4 de fevereiro de 2020.

⁸ “Junior”. Entrevista concedida em 4 de fevereiro de 2020.

⁹ “Junior”. Entrevista concedida em 4 de fevereiro de 2020.

mas abarcando contornos das pessoas com quem interagi, evidenciando que há um cotidiano diversificado entre as pessoas que fazem uso de crack e/ou similares, que ainda que existam os “fissurados”, nem todos se resumem ou permanecem nesta forma.

Ao longo de minhas interações com “Junior”, identifiquei ao menos três trajetos cotidianos (ou quase que). O primeiro se refere a sua obtenção de renda, onde faz uma longa caminhada para coletar latas de alumínio para reciclagem. Acerca desse trajeto ele expõe:

Eu vou, rapaz, eu ando bem, viu? Saio daqui, Batista Campos, Batista Campos, Nazaré, Nazaré, Brás de Aguiar, pela doca todinha, aí dou o balão e venho pra cá, chego 19h30min, 20h por aqui. Mas eu gosto mais de ir segunda-feira porque que da mais lata, entendeu? Porque eles bebem no sábado e domingo, os rico jogam mais as lata nos contêiner dia de segunda-feira, porque só passa o lixo dia de segunda-feira. Aí que eu cato mais, aí eu arrumo R\$ 30, 40, entendeu? Tem as vez que da preguiça e eu nem saio, mas eu gosto mais de segunda-feira. Inclusive, naquela vez eu pedi pra tu vim terça-feira (Informação verbal)¹⁰.

Além do trajeto para coleta de latinhas, “Junior” realiza outros menores, como o trajeto do almoço, em geral da Santo “Antônio” para o Restaurante Popular, que fica no CHB. Outro trajeto que ele havia iniciado não tinha muito tempo, era da localidade dos parceiros para o Centur, onde ia ver filmes. Ele disse frequentar quase todos os dias, indo junto com “Buarque”. Lá havia também outros sujeitos em situação de rua, mas de outras localidades. Assim, no dia 10 de fevereiro de 2020, decidi ir ao local para encontrar “Junior” e “Buarque”. Cheguei lá por volta das 15h, sem saber se os encontraria. Quando chego ao terceiro pavimento encontro “Junior” e “Buarque” saindo. O primeiro me viu e parou pra conversar, com expressão de pesar, pois já tinham que ir embora. Ele me disse que estavam vendo filme e que iriam estar amanhã de novo, frisando o horário das 11h30. Já no térreo encontramos “Buarque” sentado no banco, nos cumprimentamos, percebi que estavam com pressa então fiz questão de expressar que não havia problema deles irem. Perguntei para onde eles estavam indo, eles me respondem que iam pegar uma refeição na Batista Campos, em um restaurante.

Nesse momento se expressam as instabilidades próprias ao cotidiano dos sujeitos, pois mesmo que atuando em bicos de segunda a sexta, garantindo uma certa renda que lhes permitia almoçar no “popular”, muitas vezes iam atrás de outras refeições, doadas nos mais diferentes pontos, desde restaurantes a igrejas. Essas em

¹⁰ “Junior”. Entrevista concedida em 4 de fevereiro de 2020.

geral não são diárias, o que exige deles um mapeamento espacial e temporal para adquiri-las.

Alguns dias depois retornaria ao Centur tentando encontrar “Junior” e “Buarque”, caso não os encontrasse lá, iria andando para o CHB para encontrar “Jonas”.

Chego ao Centur às 15h24, me dirijo para o terceiro pavimento, para o espaço de audiovisual. Lá vejo umas oito pessoas vendo filmes, vou me aproximando e enxergo “Junior” em pé ao lado de uma TV de tubo, vendo um filme de boxe, três pessoas assistiam sentadas. Como “Junior” estava concentrado, me sentei em uma poltrona antes da área onde ficavam as televisões. Havia uma parede de vidro que separava da parte onde eu estava, mas não chegava a ser uma sala. Alguns minutos se passam e “Junior” me vê sentado, então acena para mim e eu vou ao seu encontro. Ele me convida pra ver o filme, pega uma cadeira para mim e põe ao lado da sua. Pergunto por “Buarque”, me responde que ele estava doente e que tinha ido pra casa dele. Estamos ao lado de um rapaz bem próximo a tela, sentado de pernas cruzadas e com a mão no queixo, expressando atenção ao filme. Quando ele me vê ao lado de “Junior”, pergunta se sou filho dele, nós rimos e respondemos que somos amigos (28 de fevereiro de 2020. Nota de campo).

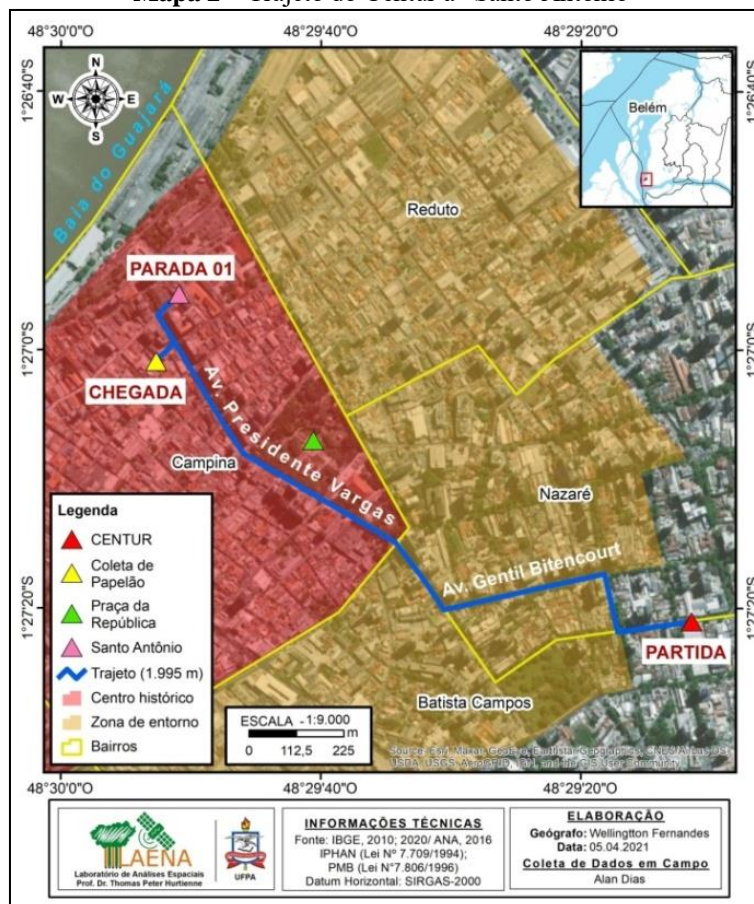
Ficamos acompanhando os filmes por alguns minutos. Em certo momento “Junior” me diz que vai pegar uma refeição na Praça Batista Campos, eu pergunto se posso ir junto, ele responde que sim. Quando já estamos próximos à saída do Centur, ele nota que está chovendo e decide esperar passar. Falo para ele que tenho um guarda-chuva na mochila, mas ele explica que não está com fome, só estava indo acompanhar um parceiro. Enquanto esperávamos a chuva passar, indaguei sobre o pessoal que estava conosco assistindo filme, ele responde que todos estão em situação de rua, me sugere que eu os entreviste. Nesse dia, começa a se evidenciar uma alteração na minha relação com “Junior”, visto que me apresentara como um “amigo” para “Davi”. Além disso, suas contribuições e sugestões começaram a inseri-lo na pesquisa não mais como um interlocutor importante, mas como um verdadeiro colaborador da pesquisa. Antes de sairmos do Centur ainda subiríamos novamente e ficaríamos mais uns 15min vendo filme. Por volta das 17h seguimos para a “Santo Antônio”.

Enquanto seguíamos para o local, conversava com “Junior” sobre algumas pessoas que conheci no entorno, algumas ele diz “conhecer de vista”, falo sobre alguns indivíduos que gostaria de entrevistar, questões relativas à pesquisa. Comento, também, sobre as doações de roupas, que algumas pessoas trocavam por drogas, mas que outras

precisavam. Então pergunto a ele como fazia para lavar roupas, ele responde: “na maré”. Pergunto se o banho também é na “maré”, ele responde que sim, caso não possa pagar para usar os banheiros públicos. Falo que já vi pessoas tomando banho nas torneiras que tem em espaços públicos. “Junior” diz que isso acontece nos domingos, quando não lavam carros, depois pondera que ao menos é assim na Praça Magalhães Barata. Aproveito para perguntar como é que funciona a relação entre os flanelinhas e os que lavam os carros, “Junior” explica que quando um flanelinha não quer lavar um carro, ele oferece a outra pessoa e paga R\$ 5.

No mapa 2 é representado o trajeto que realizei com “Junior” em 28 de fevereiro de 2020, saindo do Centur até ao local de repouso na “Santo Antônio”, onde ainda tivemos uma conversa por alguns minutos. Depois fomos pegar papelão, para “Junior” dormir, na R. 28 de Setembro com Av. Pres. Vargas. Um percurso de quase 2 km.

Mapa 2 – Trajeto do Centur a “Santo Antônio”



2 ÉTICA DE PESQUISA E CUIDADO EM CONTEXTOS DE USO DE “DROGAS ILÍCITAS”: ENLACES ENTRE FENOMENOLOGIA EXISTENCIAL E REDUÇÃO DE DANOS:

A palavra “droga” possui significados ambíguos, a perspectiva farmacológica a define enquanto uma substância capaz de alterar o funcionamento do organismo, englobando remédios, chás e mesmo o açúcar. Porém, no senso comum a palavra droga é reservada para as substâncias que implicam no cérebro, afetando a percepção e o comportamento, restringindo-se a psicotrópicos ou psicoativos¹¹, imbuídos de uma forte carga negativa (ARAUJO, 2017). Silva (2013) expõe que o que se entende por “drogas” são as substâncias sujeitas a controle, consideradas de uso ilícito a partir de convenções da Organização das Nações Unidas (ONU) e da Organização dos Estados Americanos (OEA). Assim como a palavra droga, a dependência¹² ou toxicomania¹³, a demarcação do uso prejudicial, também possui significados ambíguos. Roazzi (1987) ressalta que as definições de toxicomania, mais precisas e satisfatórias, ocorrem por meio de convenções.

O pesquisador que se propõe a imergir no cotidiano de pessoas que fazem uso de crack e/ou similares, irá se defrontar com uma série de questões éticas que circundam a qualificação de tais substâncias como ilícitas. Os desafios se impõem em duas frentes, por um lado é necessário lidar com o aspecto social que pune, encarcera, e estigmatiza formas de administrar prazeres e sofrimentos, por outro, há pessoas vulneráveis ou excluídas que para além de sofrimentos psíquicos, lidam com a precariedade material e relacional, que por conta de uma realidade eivada de violências, criam mecanismos de defesa, desconfiando e mantendo distanciamentos dos externos a cena. É no sentido de contornar ou lidar com essas questões que se propõe aqui uma aproximação e enlace entre a compreensão da fenomenologia existencial e da redução de danos.

¹¹ A medicina moderna caracteriza a droga como uma substância que possui a capacidade de atuar sobre um sistema do organismo, implicando em alterações de seu funcionamento. Quando essa alteração é provocada no sistema nervoso central, a substância é caracterizada como uma droga psicotrópica ou psicoativa (ONG, 2015).

¹² Segundo a Classificação Internacional de Doenças (CID-10), criada pela Organização Mundial da Saúde (OMS), a dependência é definida como um conjunto de sintomas fisiológicos, comportamentais e cognitivos que apontam o uso contínuo de substâncias, independente dos riscos associados à mesma. A dependência se caracteriza pela busca constante de prazer e/ou alívio para algum desconforto, assim como um comportamento compulsivo. Implicando em problemas fisiológicos e sociais. Ressalta-se que não há uma linha precisa para o diagnóstico da dependência, sendo o mesmo clínico (ARAUJO, 2017).

¹³ Termo oriundo da abordagem psicanalítica, entendido enquanto uma busca exacerbada por prazer, assim como a fuga de um desprazer (ROAZZI, 1987).

Partindo da fenomenologia existencial, Sipahi e Vianna (2001), indicam que o sentido do uso e do abuso de substâncias psicoativas se origina na própria angústia do ser-aí (*Dasein*)¹⁴, do modo de ser humano, onde se descobre responsável por sua existência, ou seja, a exigência constante de termos de responder por nos mesmos, de projetar nossas ações no mundo. Segundos os autores:

É frente a angústia do futuro estrangeiro que se abre a possibilidade da dependência enquanto promessa de um viver mais tranquilo. No seu inacabamento, em sua provisoriedade, angustiado com o seu vir-a-ser, cabe ao homem cuidar de si, cuidando de se construir momento a momento. Tal tarefa não é simples e nem tão pouco sem dor. Assim, a dependência revela-se como uma das possibilidades de aliviar-se da tarefa do cuidar, na precariedade do viver (SIPAHI; VIANNA, 2001 p. 504).

A abertura para a dependência então, se expressa enquanto promessa de amenizar o sofrimento de ter que suportar a própria existência. Ainda que vários motivos possam levar uma pessoa a fazer uso de drogas, visando amenizar uma dor, interagir de maneira mais desinibida, fugir da realidade, etc.; a abertura para tal experiência é a possibilidade imediata de sensação de prazer ou ausência de desprazer (SIPAHI; VIANNA, 2001). Sodelli (2010) denomina essa abertura, enquanto uma “vulnerabilidade existencial”, própria ao ser do homem, uma condição inerente e que não pode ser alterada. Uma busca do *Dasein* por um alívio da responsabilidade de ter que dar conta do seu próprio ser, experimentando o que o autor designa de “desligar automático” da tarefa árdua que é o cuidar de nosso próprio ser.

Sipahi e Vianna (2001) apontam que a situação de dependência se desenvolveria a partir da busca de um prazer “impossível”, já que nas primeiras vezes, o uso da droga e o prazer experimentado, aparecem como uma experiência nova, porém esse aspecto vai se perdendo com a repetição da prática, o que pode levar a doses mais potentes no intuito de resgatar a experiência primeira, a qual não é possível, pois já se tornou comum. Assim, a pessoa em situação de dependência se restringe apenas a busca do prazer previsto da droga, fechando-se as outras convocações do mundo, preso em um presente fugaz, um ciclo interminável e infértil. Não exercendo sua temporalidade de maneira cuidadosa.

Outra implicação da dependência, relatada por Sipahi e Vianna (2001), é a restrição do convívio com os outros, com vivências irregulares constantes, já que o

¹⁴ Conceito que emerge da filosofia de Martin Heidegger em seu livro “Ser e tempo” (SIPAHI; VIANNA, 2001; SODELLI, 2010).

dependente almeja uma vivência diferente da cotidiana, ou seja, não compartilha a mesma realidade das pessoas a sua volta.

Antes do “usuário” de determinada droga, há uma pessoa, com uma situação biográfica específica. Como afirmam Sipahi e Vianna (2001) os termos “usuário” e “dependente” indicam situações, ou seja, mobilizações de uma pessoa, que a partir de sua (auto)compreensão atua “em-função-de” uma “possibilidade” na qual se projeta, no caso o uso de drogas. Nesse sentido, o ser “viciado” ou “fissurado” não é uma propriedade, ou “substância”, mas uma constelação de atividades e anseios. Não substancializar tal situação, não significa dizer que se trata de uma fácil mobilização. Ao longo do trabalho expomos as situações precárias em que os sujeitos estão inseridos, assim como o sofrimento em relação ao uso de psicotrópicos e a dificuldade de abandonar tal universo.

Segundo Sipahi e Vianna (2001) uma perspectiva de contraposição a dependência, não é a abstinência de drogas, mas sim o alcance da própria liberdade do dependente, sendo importante compreender como a pessoa experiencia sua situação no mundo, como se apresenta o seu “ser dependente”. Em convergência, Sodelli (2010) também se posiciona de maneira oposta as perspectivas proibicionistas ao uso de drogas, argumentando que as mesmas estão fadadas ao fracasso, visto que a vulnerabilidade existencial expõe o homem à experiência da embriaguez. O autor rejeita o entendimento do usuário de drogas como desviante e ressalta a necessidade de uma nova abordagem preventiva que leve em conta a singularidade de tal vulnerabilidade e indica a redução de danos como uma forma alternativa de prevenção, a qual deve intervir na redução dos níveis de vulnerabilidade do uso nocivo de drogas. Não decidindo pelo outro, mas constituindo em conjunto possibilidades de escolhas mais autênticas. Para além de uma ação preventiva a redução de danos se define por:

[...] estratégias que visam reduzir os malefícios do uso de substâncias, pensando em um cuidado integral, respeitando a singularidade e o desejo de cada sujeito. Portanto, as orientações em RD objetivam um menor prejuízo, ou pela abstinência, ou pela abstinência por um determinado tempo, ou, ainda, pelo uso controlado. [...] (SANTOS, 2015, p. 144)

Santos (2015) propõem a redução de danos como uma ética do cuidado, não se reduzindo a uma estratégia clínica. Nessa perspectiva, levasse em conta a necessidade da pessoa que faz uso de álcool e outras drogas, suas demandas em saúde, sem desconsiderar seu desejo, sua singularidade, ou seja, respeitando a autonomia da pessoa. O profissional de saúde deve então se desvencilhar de moralismos, deixando de julgar o

uso de drogas como uma doença, crime ou pecado, mas atuando como um interlocutor, mediador, que oferecerá obstáculos em conjunto com o interessado, evitando ou reduzindo os prejuízos em relação ao uso. Assim, permiti-se a construção de saúde com o uso de substâncias psicoativas, ou sem exigir a abstinência, inclusive possibilitando o atendimento de demandas não necessariamente relacionadas ao uso prejudicial.

Aqui se enlaçam duas éticas complementares a da compreensão fenomenológico existencial e a do cuidado na redução de danos, que permitem vislumbrar as pessoas que fazem uso de substâncias qualificadas como ilícitas, sem condenações morais, mas visando compor uma sensibilidade ética que nos alude Levinas (1988), no lidar com pessoas que fazem uso prejudicial substâncias psicoativas (muitas vezes em situação de rua). No caso do pesquisador, mesmo não atuando como um terapeuta ou profissional da saúde, ele não é um membro da família, amigo antigo, ou um “parceiro” de uso; e no estabelecimento de relações de confiança, se apresentam diversos momentos em que só há duas pessoas conversando, onde não se expressam apenas “conteúdos” de uma pesquisa, mas outra existência, com seus anseios e sofrimentos. O que exige uma abertura sensível e responsável a tais vivências, desviando de uma neutralidade fria e ao mesmo tempo acolhendo e respeitando a face do outro que não se reduz a uma compreensão “total”.

Ademais, a configuração ética impõe um posicionamento político, sobretudo pensando as pessoas que integram as cenas abertas de uso de crack e/ou similares, pois como expõe Adorno (2017), é necessário identificar o “desvio” dos sujeitos que compõem as cenas em um sentido não moralista, entendendo enquanto uma leitura diferente sobre a vida em sociedade, onde o uso de drogas é parte do modo de existir, formas autônomas de administrar prazeres e desejos. Destacando, também, que estas pessoas não podem ser entendidas de maneira apartada das estruturas sociais, onde se evidencia a desigualdade econômica e discriminações de raça, etnia, gênero, etc.; de tal forma que a “rua”, as “cracolândias”, expressam um espaço de fuga frente a problemas familiares e contextos sociais de pobreza, assim como um local de resistência a repressão e violência perpetrada pelo Estado. Assim, o autor aponta a necessidade de respeitar a autonomia da pessoa, entendendo que a problemática das drogas não pode ser enfocada de maneira simplória, como algo ilegal, imoral ou patológico.

Assim, no enlace entre a perspectiva fenomenológico-existencial atrelada a redução de danos, esboça-se um posicionamento ético-político na pesquisa em contextos de uso problemático de drogas e vulnerabilidade social, fundado no respeito à

autonomia da pessoa e sua singularidade, assim como no cuidado referente às necessidades de saúde. Evidentemente, que essa ética apela a uma política antiproibicionista acerca das drogas, que supere o proibicionismo, ou seja, a normatização internacional política, médica, jurídica, policial e moral em relação às drogas ilícitas (CARNEIRO, 2017).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo das experiências de campo e interações com os sujeitos, identifiquei que as pessoas que integram as cenas abertas de uso de crack e/ou similares, estão imersos em contextos de vulnerabilidade e desfiliação, onde o uso problemático de tais substâncias e tensões familiares acabam por catalisar impulsos para a rua, uma evasão do lar. Diante de tais circunstâncias, a sociabilidade na cena é caracterizada pela “parceria”, uma relação fluida que é distinta da “amizade”, pois muitas vezes, não se mantêm a afinidade em outras atividades cotidianas. No momento do uso de drogas, pude presenciar momentos de confraternização e afeto entre os integrantes das cenas, porém esta integração era superficial, vinculada a euforia mobilizada pelo uso de crack e/ou similares, mas também de álcool. As tipificações empregadas, ainda que limitadas, muitas vezes não superando determinado grupo de parceiro, expõe um universo subterrâneo diverso e astuto, mesmo em meio à precariedade e violência, dados imprescindíveis para se pensar políticas públicas voltadas para superação ou redução de aspectos negativos no contexto em questão.

No enlace entre fenomenologia existencial e redução de danos, compreende-se que na pesquisa em contextos de uso problemático de drogas e vulnerabilidade social, o posicionamento ético-político deve perpassar pelo respeito à autonomia da pessoa e sua singularidade, assim como no cuidado referente às necessidades de saúde, em uma perspectiva antiproibicionista acerca das drogas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, R. Sobre drogas, rua e autonomia: entre razões repressivas e razões sanitárias. *In*: FIGUEIREDO, R.; FEFFERMANN, M.; ADORNO, R. (org.). **Drogas e sociedade contemporânea**: perspectivas para além do proibicionismo. São Paulo: Instituto de Saúde, 2017. p. 23-32.

ARAÚJO, T. **Guia sobre drogas para jornalistas**. São Paulo: IBCCRIM-PBPD-Catalize-SSRC, 2017.

BASTOS, F. I.; BERTONI, N. (org.). O cenário do consumo de crack e o Inquérito Nacional sobre Crack, 2012. *In*: BASTOS, F. I.; BERTONI, N. (org.). **Pesquisa nacional sobre o uso de crack: quem são os usuários de crack e/ou similares do Brasil? quantos são nas capitais brasileiras?**. Rio de Janeiro: ICICT/FIOCRUZ, 2014. p. 11-22.

CARNEIRO, H. O uso das drogas como impulso humano e a crise do proibicionismo. *In*: FIGUEIREDO, R.; FEFFERMANN, M.; ADORNO, R. (org.). **Drogas e sociedade contemporânea: perspectivas para além do proibicionismo**. São Paulo: Instituto de Saúde, 2017. p. 23-32.

CASTEL, R. A dinâmica dos processos de marginalização: da vulnerabilidade a “desfiliação”. **CADERNO CRH**, Salvador, n. 26/27, p. 19-40, jan./dez. 1997.

CENTRO de Belém cede espaço para a cracolândia. **Diário Online**, Belém, fev. 2013. Disponível em:
<<http://www.diarioonline.com.br/noticiasinterna.php?nIdNoticia=236445&idrand=780>. Acesso em: 15 jun. 2020.

DIAS, A. P.; CARVALHO, R. S. **Território e territorialidade dos usuários de crack no bairro da Campina em Belém-PA**. 2017. 73 f. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em Geografia) – Universidade do Estado do Pará. 2017.

DIAS, A. P. **A experiência espacial de pessoas que usam crack e/ou similares no Centro Histórico de Belém-PA: territorialidade e lugaridade no espaço público**. 2021. 200 f. Dissertação (Mestrado em Planejamento do Desenvolvimento) - Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável do Trópico úmido, Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, Universidade Federal do Pará, Belém, 2021.

FRÚGOLI JR., H. **Sociabilidade urbana**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

FRÚGOLI JR., H; CAVALCANTI, M. Territorialidades da(s) cracolândia(s) em São Paulo e no Rio de Janeiro. **Anuário Antropológico**, II, p. 73-97, 2013.

LÉVINAS, E. **Totalidade e infinito**. Lisboa: Edições 70, 1988.

ONG, L. F. S. **O uso de drogas na consumação da modernidade**. 2015. 188 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2015.

ROAZZI, Antonio. Considerações sobre o significado ideológico das toxicomanias. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 39, n. 4, p. 48-64, 1987.

SANTOS, D. A. Redução de danos como ética do cuidado. *In*: CONTE, M. (org.). **Caiu na rede mas não é peixe: vulnerabilidades sociais e desafios para a integralidade**. Porto Alegre: Pacartes, 2015. p. 143-154.

SCHUTZ, A. O cenário cognitivo do mundo da vida. *In*: WAGNER, H. R. (org.). **Fenomenologia e relações sociais**: textos escolhidos de Alfred Schütz. Rio de Janeiro: Zahar, 1979. (Parte II) p. 79-122.

SILVA, L. L. **A questão das drogas nas relações internacionais**: uma perspectiva brasileira. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2013.

SIMMEL, G. Como as formas sociais se mantêm. *In*: MORAES FILHO, E. (org.). **Georg Simmel**: sociologia. São Paulo: Ática, 1983b. p. 46-58.

SIPAHI, F. M.; VIANNA, F. C. Uma análise da dependência de drogas numa perspectiva fenomenológica existencial. **Análise Psicológica**, v. 19, n. 4, p. 503-507, 2001.

SODELLI, M. A abordagem proibicionista em desconstrução: compreensão fenomenológica existencial do uso de drogas. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 15, n. 3, p. 637-644, 2010.

SOUZA, M. L. **Fobópole**: O medo generalizado e a militarização da questão urbana. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.